

Lugares em Suspensão na Cidade – Memória, Acontecimento e as (re)Configurações Urbanas

UGLIONE, Paula

Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro/FAPERJ
Programa de Pós-graduação em Arquitetura/PROARQ
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

DUARTE, Cristiane Rose

Programa de Pós-graduação em Arquitetura/PROARQ
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a memória como elemento fundamental nos processos de transformação próprios das cidades contemporâneas. Tomando como marcos conceituais algumas teorias no campo da psicologia, da sociologia, da história e da antropologia, aponta para o caráter de “escritura” da memória, distanciando-se de uma perspectiva *revivalista* no âmbito de políticas e de ações urbanas. No corpo do artigo apresenta-se tais conceitos e teorias, bem como se descreve e se discute, sinteticamente, o desenvolvimento e a utilização de uma abordagem de leitura de *lugares de memória*, contextualizada na cidade do Rio de Janeiro. Conclui, por fim, que lugares de memória podem ser ricos objetos de leitura e de compreensão das formas através das quais os territórios urbanos se (re)configuram nas paisagens urbanas contemporâneas. Neles pode-se encontrar tanto forças que acionam transformações no tecido urbano, quanto forças de significação destas transformações.

Palavras-chave: memória, identidade, transformações urbanas

A cidade contemporânea transforma-se insistentemente em um ritmo caótico e fragmentado. Ter uma “boa visibilidade” dessa cidade, vê-la “de fora”, localizar seus limites, enxergar suas saliências, identificar seus marcos, pode ser

uma forma de “sossegar” as inquietude que este espaço provoca com suas interrogações; uma tentativa de “costurar” este território talhado, que são as cidade – ou a maioria delas – na sociedade atual.

Estudos realizados na cidade do Rio de Janeiro (DUARTE; UGLIONE, 2004; 2005) indicam que alguns lugares na cidade embora tenham uma forte presença visual na paisagem de um bairro, não têm, necessariamente, importância significativa na construção da “imagem” da cidade feita pelos seus moradores; não são, portanto, lugares emblemáticos para aquele grupo.

Contudo - demonstrou ainda estes estudos – alguns destes lugares ainda que não sejam emblemáticos para as pessoas, possuem uma espécie de *força reveladora* que tem por efeito desvelar “*silêncios*” da cidade.

Que lugares seriam estes numa cidade? Que lugares, ainda que não emblemáticos, ainda que não marcos urbanos, ainda que não necessariamente referências imagéticas na paisagem urbana, possuiriam tal força desveladora dos silêncios das cidades atuais?

“A escritura da cidade pode resultar indecifrável e defeituosa, mas isto não significa que não haja escritura; simplesmente pode ser que nós tenhamos criado um novo analfabetismo, uma nova cegueira” (KOOLHAAS, 2007:27).

Que lugares poderiam nos ajudar, senão a decifrar a cidade – pois duvidamos do sucesso desta empreitada - mas a orientar caminhos menos cegos de compreender e de promover as transformações que emergem e que configuram os territórios urbanos na atualidade?

Para NORA (1997) “...os lugares de memória não são aqueles dos quais nos lembramos, mas lá onde a memória trabalha” (p. 18). A memória, pode-se concluir do autor, não pertenceria aos lugares, ela não estaria contida (nem no sentido de conteúdo nem no sentido de contenção) nos lugares, mas estes mobilizariam, acionariam, produziram memórias.

Talvez, então, ao invés de perseguir lugares emblemáticos (lugares “históricos”, “monumentais”) numa cidade – alternativa bastante comum nas

políticas de conservação, de recuperação urbanas – deveríamos tentar encontrar lugares que teriam um potencial de fazer a memória “trabalhar”.

Tentar encontrar lugares de memória, o que estaria distante de qualquer tipo de “lugar-guardião” que funcionaria, pelo seu peso de signo, como protetores ,dos efeitos corrosivos que o tempo deixa (inevitavelmente) na vida, lugares nos quais estaria “guardada” uma memória a espera por ser descoberta e contemplada como prova (falsa) da resistência humana contra o tempo, o imprevisível, a morte.

“(...)no mundo urbano contemporâneo, malgré o nihilismo de muitos, a vida comunitária reconstitui-se, não sem esquecimento (seletivo) do passado ou sem rupturas dolorosas que representam as experiências novas” (ROCHA; ECKERT, 2005: 93).

Para DELEUZE & GUATTARI (1996) é frente aos *acontecimentos*, aos *instantes* derradeiros nos quais a ampulheta gira, que o psiquismo, esta *máquina-desejante*, é acionada a produzir (outros e diferentes) significados para a vida. É frente ao novo, à falta de significado, ao caos, que a “*vida insiste em buscar um sentido*” (CONTE, 2001:153). É frente às transformações da vida que somos convocados a “*...construir as nossas próprias histórias individuais e coletivas*” (DUARTE, 2006: 03).

É frente às “suspensões”, aos vazios próprios dos “deslocamentos” na cidade, que a máquina de escritura da memória urbana é ativada às suas tarefas.

Lugares de Memória, quiçá situados nos mais recônditos recantos da cidade; lugares que, por estarem em suspensão na cidade, exigem da memória o seu trabalho. Lugares em deslocamento no tecido urbano. E todo deslocamento requer perder o solo firme até que se encontre o próximo ponto de apoio.

Um espaço que passa por uma transformação, por uma mudanças na sua configuração morfológica, funcional, é um lugar que se encontra em suspensão, que se encontra no vácuo inerente do estar entre o que se foi e o que será.

Estes lugares, lugares de memória, lugares em suspensão, em deslocamento, podem, talvez, guiar - pesquisadores, gestores da cidade,

urbanistas – em direção a uma leitura dos movimentos territoriais pelos quais passa a *urbis* contemporânea.

O presente artigo situa-se neste contexto. Nele apresentam-se os pressupostos, os conceitos e as teorias que fundamentaram o desenvolvimento de uma abordagem de leitura da cidade. Uma leitura que vislumbrou num lugar de memória da cidade uma luz de compreensão sobre as formas como as transformações urbanas acionam processos de (re)significação da vida numa cidade.

1. Memória, identidade e Acontecimento

“Estou certo de que os muros contra incêndios têm a maior poder de impacto em nossa memória que as fachadas principais... em certo sentido, uma cidade se define por seu impacto na memória das pessoas. Tudo que é um pouco mórbido causa, naturalmente, um impacto latente na memória” (WENDERS, 1994: 89).

Toda história, seja no nível individual ou no nível coletivo, é um eterno recomeço. Frente a um trauma, por exemplo, frente à destruição de uma edificação importante para a vida de um grupo de pessoas, causada por demandas imobiliárias de novas construções, resta “juntar os pedaços”, fazer um remanejamento do que era; este é o movimento da história na vida: recomeçar. E a memória, enquanto processo psicológico, nada mais é do que a (re)escritura que o psiquismo/a mente vai fazendo frente aos *acontecimentos* da vida. A memória é uma *máquina escriturária* (DERRIDA, 2005).

Se a memória é escritura, ela produz *repetição diferencial* daquilo que foi “rachado” pela intensidade do acontecimento. A memória não é linear, não segue um tempo seqüencial, contínuo, cronológico, mas segue a *densidade do instante*, numa lógica temporal na qual um instante pode reverter o curso da vida. Na temporalidade lacaniana, o *instante do ver* é aquele no qual algo “mexe” com a tradição, com a identidade (LACAN, 1945).

Neste sentido, a relação entre memória e identidade parece modificar-se - ao menos em relação às perspectivas que atrelam de forma direta uma a outra - pois a memória, assim colocada, no campo da diferença, naquilo que se produz a partir de um rompimento com a linha contínua das coisas, não traria identidade, mas pelo contrário, traria o rompimento da identidade. A memória enquanto *repetição diferencial*, é *simulacro*, é o duplo, o estranho, o irreconhecível, ou seja, ela é a dissolução da identidade, ela provoca uma certa implosão do eu. Implosão, esta, que obriga a *máquina escriturária* da memória a trabalhar na busca de novas significações para aquilo que se rompe nos acontecimentos, nas transformações pelas quais a vida está perpassada.

O simulacro é uma *máquina dionisíaca* (DELEUZE, 2006), ele produz *disfarces sucessivos*, funda mundos diferenciais – e, portanto, artísticos, ficcionais. Por isto, aquilo que se produz no campo da memória é, impreterivelmente, da ordem da ficção.

As inscrições psíquicas da memória (os traços) são atravessadas por *fantasmas*, já afirmava FREUD (1896). Atravessadas por lembranças (ou esquecimentos) definidas não por algo que aconteceu, mas por algo que foi fantasiado. Assim, os fatos que compõe uma história, individual ou coletiva, aconteceram ou são uma ficção do seu intérprete? Não tem como saber, ensina a teoria freudiana; as histórias montadas ou escritas pela memória aproximam-se a um imaginário literário.

A memória não é um arquivo com registros a serem recuperados, ela é o exercício do registro, ela é a construção de “arquivos”. A memória, novamente, e sob outro ângulo teórico, é este duplo, que foi (re)criado no lugar do que não tinha ainda sido inscrito no psiquismo, do que não tinha se inserido na cadeia significativa do sujeito (LACAN, 1966).

Por isto que a memória é a ferramenta convocada a trabalhar nos “acontecimentos” da vida, nas rupturas de identidade, nos rasgos de reconhecimentos. Porque ela cria, ela inventa uma significados a partir dos quais uma (nova) vida poderá acontecer.

Mais do que rememorar, transformar o que não tem marcas no psiquismo, é o que faz a memória. Ela não é dispositivo de restituição de um passado como ele aconteceu, até por que não há esta distância (esse “*gap*”) entre passado, presente e futuro; na temporalidade da fantasia, do desejo e do inconsciente, há um *passado presente*, um *presente atual* e um *futuro presente*. Aquilo que repete (no presente atual) é um passado (presente) que foi lançado a um futuro (que já está presente) (BIRMAN, 2008).

Nesta linha também podemos situar a concepção de história de BENJAMIN (1996), que vê nas transformações, do espaço urbano, por exemplo, não tanto o surgimento de algo que potencialmente já existia e que aguardava o momento propício para surgir, mas a essência da própria cultura humana enquanto um conjunto sempre incompleto.

O sujeito, para BENJAMIN (1996), não possui no passado, assim como não possui no presente, o elemento de amarração essencial para entender suas experiências de vida no espaço urbano como um conjunto coerente e inteiro, com causas bem definidas, condições conhecidas e conseqüências previsíveis. A experiência humana é atravessada por uma indeterminação radical que só não causa mais insegurança porque, paradoxalmente, parece conduzir a uma solução: aguardamos ansiosamente pelo futuro desconhecido, pois ele dará sentido às nossas experiências atuais, assim como nós demos sentido às experiências dos nossos antepassados e interpretamos as mudanças que eles passaram não como momentos de insegurança radical, mas como passos necessários de um processo histórico bem definido. Diz ele:

“A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só pode se deixar fixar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento em que é reconhecido” (p. 224).

2. Arquivo Mnemônico do Lugar

Arquivo Mnemônico do Lugar é um conceito que tomamos “emprestado” das concepções de memória e de registro mnemônico tanto de FREUD (1895) quanto de DERRIDA (2005). Arquivo mnemônico é uma alusão ao processo de escritura realizado por uma espécie de “máquina” de inscrições das percepções no psiquismo e que é ativada (esta máquina) tanto pelos estímulos internos quanto pelos estímulos externos ao sujeito. Esta máquina de escrever é ativada, por exemplo, quando uma tarefa de rememoração é realizada.

Na abordagem de leitura urbana desenvolvida e aqui sinteticamente apresentada, chamou-se de *arquivo mnemônico do lugar* ao processo que é ativado quando é feito a alguém uma demanda de rememoração acerca de um lugar (um espaço construído e seu entorno) na cidade. No caso, foi solicitado a um grupo de moradores na cidade do Rio de Janeiro que contassem sobre as recordações que tinham em relação ao estádio de futebol Engenhão, que se situa nesta mesma cidade. Os relatos destas recordações compuseram um texto que foi chamado de *Narrativas do Lugar*. *Arquivo mnemônico do lugar* construído coletivamente (uma vez que as narrativas são composições de relatos individuais de um grupo de pessoas); memória coletiva de uma cidade.

As narrativas em seu conteúdo manifesto (o texto formado pelos relatos) foram tomadas como o conjunto dos traços que chegaram à consciência dos seus narradores e, portanto, seu conteúdo é considerado como o resultado de todo o processo (mnemônico), incluindo-se o mecanismo de apagamento de traços ou de distorção de traços, ambos resultantes das fantasias ativadas ao longo do processo.

Nas Narrativas do Lugar, as metáforas presentes em seu conteúdo manifesto foram tomadas como *zonas de sombra* (POLLACK, 1989), como “tipologias do silêncio”, como *duplos*, como aquilo que se repete (diferencialmente) na memória enquanto efeito da simbolização (através de “jogos” de linguagem) de traços que, num outro tempo (passado), por mecanismos complexos no psiquismo, não foram inscritos no psiquismo. As metáforas que emergiram das narrativas foram

comparadas entre si, a partir da força que tomavam no conjunto de narrativas, compondo as Narrativas Metafóricas do Lugar.

Ao nos debruçarmos sobre as metáforas que emergiram das narrativas dos moradores, tínhamos como pressuposto, dentre outros, que a metáfora é uma “invenção” da memória para garantir a simbolização de um traço até então “apagado”, e que, afinal encontrava seu espaço no conjunto dos significados que compõem o arquivo daquele grupo, em relação ao Engenhão.

Assim, no processo de montagem das Narrativas do Lugar e das Narrativas Metafóricas do Lugar, o arquivo mnemônico do Engenhão se inscreveu no movimento de transformação ao qual ele, o bairro no qual se situa, e as pessoas que nele moram, estavam envoltas.

Abaixo, pequenos trechos ilustrativos das Narrativas do Engenhão (A) e das Narrativas Metafóricas do Engenhão (B).

(A)

*. Meu pai era comunista. Os prédios eram pros trabalhadores da Central e foram leiloados, foi um cambalacho: a Central fez um jogo que os prédios que foram construído em 1940 era vendido como se foi construído em 1960. Tinha uma oficina Trajano de Medeiros que era subsidiada da Central...tinha um time de futebol o Adélia e o Engenho de Dentro. Mas tudo era uma imundice. Este Estádio foi uma pilantragem. Eles diziam que iam derrubar as casas pra fazer uma avenida, mas eles não têm dinheiro nem pra papel higiênico. Deram pra Botafogo... constroem e dizem que é do Botafogo, mas o dinheiro foi de quem? Tem uma escola pública, botaram um muro no Engenhão e ela ficou lá. O Engenhão não é usado mesmo. Não existe evento nenhum. E depois da obra tem falta de água nos apartamentos. Tranquilo, sem grandes comércios...até hoje não vi novidades com esse museu (Engenhão)...é um **elefante branco**.*

(B)

É um lugar abandonado também pelo/através do desinteresse (vagões abandonados porque a ferrovia não se interessou mais) ou de interesses “outros” (Deram pro Botafogo... e ele não deixa ninguém entrar...os prédios eram pros trabalhadores mas foram leiloados...a segurança foi só pros estrangeiros do Pan... quando construíram tudo, não pensaram em ninguém daqui, só nos turistas), do equívoco (você sabe que o Maracanã era pra ser

implodido e então iam levantar lá esse estádio), da insignificância (eu gosto tanto desse lugar e me fugiu o nome ... eu trabalhei lá...nada acontecia...era uma oficina), do esquecimento (depois do Pan, esqueceram disso aqui), da não/má utilização (um campo de futebol mal utilizado). O abandono foi, acima de tudo, o de sua disfuncionalidade, afinal ele era o lugar (dos trens) que não tavam funcionando, ele é um sistema para eternizar uma pessoa, só que podia funcionar mais! Ele funciona pouco...não é usado mesmo... não existe evento nenhum ...a comunidade não conseguia usar... não tinha como usar o lugar, não servia para nada...uma oficina desativada.... quando tem jogo, eles só abrem as saídas onde não tem comércio.Ele é disfuncional: o campo tem quatro entradas, mas ficou um vazio muito grande...que utilidade tem este lugar (elefante branco)? Ele era uma área enorme, mas inaproveitável! Uma oficina com vários trens, mas parados. Sua existência sempre foi pesada: ele foi um terreno cheio de trem... ele é isso aí, esse gigante... só que tem um porém (é bom, tem segurança, movimento e lucro, a rua fica animada)...só em dia de jogo, teve um desenvolvimento, mas não tanto...até agora mudou entre aspas. Seu abandono decepciona: a área foi valorizada, mas a padaria ali da esquina faliu... no começo, a construção do Engenhão parecia uma boa, mas depois acabou não valorizando a área nem trazendo grandes mudanças...eu achei que ia ter mais movimento... prometeram um viaduto, alargamento das ruas e nada. Mas as decepções que ele provoca acabam impulsionando as apostas: pode apostar!...com o Engenhão a gente acredita, o bairro melhorou, tem gente circulando, é mais bonito, valorizou tudo aqui. Longe de ser a “solução” é a “boa sorte” da cidade: Se não tivessem construído o estádio, isso aqui já teria se transformado num favelão... melhor ter um estádio desses do que uma favela. Como um ornamento (um elefante branco na estante) meio “fora de moda” na cidade, não é uma obra de primeira qualidade, ele é pra inglês ver...pelo menos ficou mais bonito que antes...agora:celebridades! Mas ele trouxe vida ao bairro, é por sua causa que todo mundo lembra do Engenho de Dentro. Ele melhorou o visual, o ambiente, as calçadas, é um bicho impressionante, e vem até turista agora aqui. Ele é uma ilusão. Entre esperança e descrença (a expectativa pro futuro é grande, mas o pessoal não ta acreditando muito...espero que melhore no futuro, mas eu não acredito) este “elefante branco” se mantém presente no cenário urbano, inofensivo, ele parece acomodar-se à cidade: tranqüilo, sem grandes comércios ...tem uma escola pública, botaram um muro no Engenhão e ela ficou lá.... minha casa é agarrada no Engenhão... tem muita sujeira que cai no Estádio porque tem muita árvore e ninguém pra limpar e tem cachorro também. Nesta sua condição de vida “meio morta, lá só teve joguinho de brincadeira! Ele é um lugar do jogo enquanto brincadeira: sua envergadura é a da diversão, do lúdico. Mas é na sua dasativação (que ficou desativado), na sua condição (talvez impreterível) do que não se cumpre totalmente, do que decepciona, em seu abandono – e possivelmente por causa disto tudo – é que o jogo e a vida nele acontecem: depois ficou tudo abandonado e o pessoal passou a pular o muro para jogar

bola no campinho, a soltar pipa em cima dos trens....a gente ficava brincando de polícia-ladrão...no final de semana as pessoas vinham soltar pipa...e tinha gente que ficava ensinando a dirigir carro... as crianças gostavam de brincar lá dentro. Em seu deserto, tinha pé de melão, manga, bambu. No terreno vazio que não acontecia nada, lá foi o lugar da infância que passei aqui, onde o pai, o tio e o avô trabalhavam. É na disfuncionalidade que ele vive no bairro: quando tem jogo (oficial), eles só abrem as saídas onde não tem comércio, é só prejuízo. Ninguém invadiu nada, ele foi e continua sendo ocupado (pelos desocupados?): clube de idosos, festas...carnaval...meninos que brincam de skate, de bicicleta. Ele é um lugar tipo museu, que não mostra nada de novidade (até hoje não vi novidades com esse museu), pelo contrário, era um depósito de trem, de saudades (sinto saudades daquela época), de fracassos e de expectativas; um campão sem prédios, aberto, parado, cujo destino parece ser o de deixar mesmo um espaço muito grande na cidade, o de circunscrever (enchendo com ferragens, por exemplo) um lugar vazio onde seja possível um a longo prazo (um futuro) na cidade. Espaço (o vazio) condição de possibilidade (lugar da vida). Vão transformar em shopping (outro elefante branco!)...isso sim iria melhorar a área de verdade

3. O Engenhão e o Elefante Branco na Cidade

O Estádio Olímpico João Havelange, conhecido como Engenhão, localiza-se no bairro de classe média e média-baixa na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro chamado Engenho de Dentro. Este bairro tem sua origem ainda no período colonial do Brasil, tendo sido em toda a sua extensão um engenho de açúcar. A partir da segunda metade do século XIX em suas terras começaram a passar a Estrada de Ferro Pedro II, posteriormente denominada Estrada de Ferro Central do Brasil.

O Engenhão foi planejado para compor o conjunto de obras destinadas aos Jogos Pan-americanos 2007. Foi construído no antigo terreno da Rede Ferroviária Federal; suas obras iniciaram em 2003 e foram finalizadas em 2007 com a inauguração do estádio em junho de 2008, em uma partida de futebol.

O Engenhão, através das narrativas a partir dele inventadas, faz a memória trabalhar na cidade. E, assim fazendo, permitiu que “silêncios” da/na cidade se rompessem.

Engenhão, lugar em suspensão na cidade. A sua edificação é o resultado de um brusco processo de transformação no bairro e na vida das pessoas que nele residem ou circulam. Lugar que, ao provocar acontecimentos, faz girar a *ampulheta* da vida do seu bairro, acionando significações a partir das quais novos territórios podem (e necessariamente precisam) se configurar na paisagem urbana.

Engenhão, lugar de memória? Sim, se com este termo estivermos dotando-o da capacidade não de refletir algum alívio identitário na cidade, mas, pelo contrário, de provocar rupturas na cidade, e com elas a urgência de memória nessa cidade. *Lugar de memória* não por conter (no sentido de conteúdo e de contenção) histórias da cidade, nem por ser muito lembrado, ou por ser marco urbano, mas por provocar evocações, narrativas na/da cidade. Não há resíduo de memória nele, mas *intensidades traumáticas* (DELEUZE, 2006).

Engenhão, “trauma” na *narrativa da cidade* (PEIXOTO, 2002), pedaço de um mundo que nem sempre se compreende e, que por isto, pelo vazio de sua incompreensão, não necessariamente empurra o sujeito à *angústia existencial*, mas o forçam ao encontro com o *petit a* (LACAN, 1988), com o objeto-causa do desejo, exigindo, assim, o trabalho da memória e a escrita de histórias.

Qualquer outro espaço na cidade teria provocado *narrativas do lugar*? Talvez sim. Mas o inegável é a riqueza metafórica das narrativas do Engenhão; o “desassossego” e a “ânsia” por se inscrever nos arquivo da cidade parecem, assim, inegáveis a este lugar.

Mas o que é o *elefante branco*? O que significa este traço que insistiu em se inscrever na memória da cidade, através das narrativas do Engenhão?

Elefante Branco, um traço-tipo talvez, *quijá banal* (ROWE; KOETTER, 1975), simples e convencional, através do qual os arquivos de uma cidade se reconstroem; uma *permanência do glossário dessa cidade* (VENTURI et alli, 2003); ele não é uma materialidade na cidade, mas uma invenção (metafórica) da memória da cidade. Um arquétipo, talvez, ...” *cujo apelo emocional comum desvenda preocupações eternas*” (ROSSI, 2006:381).

Pode ser que ele seja um *modesto vestígio*, um *humilde testemunho*, através dos quais (de traços modestos e humildes) a memória é feita; traço *mesquinho* (FOUCAULT, 2005) da memória da cidade.

O Elefante Branco não é uma *moldura* para a memória (HALBWACHS, 1997), ele, enquanto traço inscrito nos arquivos dos lugares, dá contorno, molda realidades na cidade. Ele não pretende definir o que é comum a um grupo e o que diferencia esse grupo dos outros – CHAUÍ (2007) já mostrou o quanto devemos desconfiar dos anseios por uma *identidade cultural*, na medida em que podem encobrir vontades de separação e de dominação numa sociedade.

Elefante Branco, “restos” do mundo, estampado/inscrito no arquivo da cidade a descentrar o sujeito, a confrontá-lo com o *estranho* habitar-o-mundo cultural – território dos humanos, nem feito de *coisas concretas*, como supunha NORBERG-SHULTZ (1983), mas tão pouco de *abstrações da ciência*, como ele receava. *Colagem* (ROWE & KOETTER, 1975) “mal feita” (porque metafórica, porque duplo, porque simulacro) na paisagem urbana a desfocar o olho perceptivo e suas funções adaptadoras sempre em busca da estabilidade, e a convocar a vertigem (própria) de todo (des)encontro com o objeto enquanto *Coisa* (LACAN, 1966). Colagem que dá às vistas o “despedaçamento” da modernidade, não para que com isto o cenário fragmentado de uma cidade, o Rio de Janeiro, seja contemplado com encantamento, mas tão pouco para que seja visto nele a prova de um mundo destinado à angústia, à destruição e ao abandono. Elefante Branco e sua

estética negativa a confundir na percepção na/da cidade “...as fronteiras do feio e do bonito, do horror e do sublime” (SOUZA, 2001:128).

Se o Elefante Branco insiste em se inscrever nos arquivos dos lugares é talvez para que possamos enxergar as formas “desajeitadas” através das quais percebemos a cidade e que, por isto, somos impelidos ao trabalho de memória.

Não foi pela sua alta *imagibilidade* – como sugere LYNCH (2007) que o Elefante Branco se inscreveu na memória dos lugares – sim, pois quem negaria que ela (a sua forma) é bem estruturada, de fácil identificação e compreensão? – mas como metáfora do excesso, do quebrado, do desarrumado, do insignificante (traços que se inscreveram nas narrativas do Engenhão). Não foi pela sua *boa forma* que ele se inscreveu na cidade, mas pela sua “boa sorte”. Não foi a força de sua imagem que o “colou” na memória daquele lugar, mas o seu peso e a sua fragilidade que colados nos arquivos, escreveram sobre o abandono, o descaso, a saudade e o fracasso daquele/naquele lugar e daquela/naquela cidade.

Talvez ele tenha insistido em se inscrever na cidade para nos “curar” da teimosa vontade de verdade (enquanto visibilidade) sobre qualquer cidade.

O *elefante branco* talvez seja uma imagem infantil que se inscreveu no arquivo mnemônico para nos lembrar o quanto existe, como acredita BACHELARD (1974), de sonho e de imaginação na relação que estabelecemos com a cidade. Ou, talvez, seja um detalhe da arquitetura da cidade “mascarado” (metaforizado) por um traço-onírico de Elefante Branco.

Os traços ligados ao *elefante branco* escreveram sobre a decepção na/da cidade: ele parece ser a metáfora do que desilude na cidade para que ela (a cidade) *sempre outra de si mesma* (SCHULTZ, 2008) possa continuar a se impor. O elefante branco decepciona, mas traz esperança. “Quando despertamos pela manhã como sabemos que o sonho parou?” – pergunta MELMAN (2008: 28) – “sem dúvida é porque tomamos contato com uma forma de decepção que organiza nossa realidade” – responde ele.

Não parece que nosso mamute branco tenha se inscrito na memória de um lugar para favorecer formas de vida sem “rupturas brutais”, como entende JODELET (2002) a cerca dos efeitos de memória na cidade. Ele é um “trauma” na cidade.

Por fim, o Elefante Branco é um disfarce (DELEUZE, 2006), e, por isto, ele é um pouco (e por definição) incognoscível. Ele é mais do que quer que possa simbolizar, ele é um símbolo do que não pode ser (totalmente) conhecido da /na cidade, nem pela percepção e nem pela memória.

Por fim, os lugares em suspensão na cidade, os lugares de memória - nem tão emblemáticos, nem necessariamente monumentais – podem ser ricos objetos de leitura e de compreensão das formas através das quais os territórios urbanos se (re)configuram nas paisagens urbanas contemporâneas. Neles podemos encontrar tanto forças que acionam transformações no tecido urbano, quanto forças de significação destas transformações.

Políticas de memória na cidade não deveriam visar nenhuma remissão do passado ou com o passado, mas sim vislumbrar e contribuir na construção (trabalhosa, traumática) do presente mutante e na busca (corajosa e esperançosa) de um futuro (irremediavelmente) desconhecido e imprevisível (BENJAMIN, 1996).

4. **Bibliografia**

BACHELARD, Gaston. **La poétique de l'espace**. Paris : PUF, 1974.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica (1936). In : **Obras escolhidas I**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1996.

BIRMAN, Joel. **Memória, arquivo e inconsciente**: da história à genealogia. Curso Livre ministrado no Polo de Pensamento Contemporâneo, Rio de Janeiro, julho 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2007.

CONTE, Júlio. O silêncio dos espaços infinitos. In: SOUZA, E.; TESSLER, E.; DELEUZE, Gilles. **Le Bergsonisme**. Paris : PUF, 1989.

_____. **Diferença e repetição**. São Paulo: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles ; GUATTARI, Felix. **O Anti-édipo** : capitalismo e esquizofrenia, v. 1. Lisboa : Assirio & Alvim, 1996.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2005.

DUARTE, Cristiane R.; UGLIONE, Paula **A memória coletiva e as transformações do espaço urbano nas cidades latinoamericanas**. In: Anais do XI Seminário de Arquitetura latinoamericana, Cidade do México, 2005.

_____. **A memória dos lugares no espaço urbano**: um estudo na cidade do Rio de Janeiro. In: Anais do II Congresso Internacional de Integração e desenvolvimento Sócio-Cultural, Lisboa, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1895) Projeto de uma psicologia.

_____. (1896) A etiologia das neuroses.

GUATTARI, Felix. GUATTARI, Felix ; ROLNIK, Suely. **Micropolítica** : cartografias do desejo. Petrópolis : Vozes, 1986.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Paris: Albin Michel, 1997.

JODELET, Denise. A cidade e a memória. In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso, **Projeto do Lugar**: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2002.

KOOLHAAS, Rem. **La ciudad genérica**. 4 ed. Barcelona: GG, 2007.

LACAN, Jacques. **O Seminário: Livro 4** – A relação de objeto. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. **O Seminário: Livro 7** – A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. (1945). O tempo lógico e a noção de certeza antecipada. In: **Écrits I**. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade**: gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

NORA, Pierre. **Entre mémoire et histoire** : la problématique des lieux. In : Lês Lieux de Mémoires. Gallimard, Paris, 1997.

NORBERG-SHULTZ, Christian. O pensamento de heidegger sobre arquitetura (1983). In : NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura** : antologia teórica 1965-1995. São Paulo : Cosacnaify, 2006.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Intervenções urbanas** : Arte/Cidade. São Paulo : SENAC, 2002.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, 3, 1989/1.

ROWE, Colin; KOETTER, Fred. Cidade-colagem (1975). In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura** : antologia teórica 1965-1995. São Paulo : Cosacnaify, 2007.

ROSSI, Aldo. Uma arquitetura analógica. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica 1965-1995. São Paulo : Cosacnaify, 2006.

SOUZA, Edson L. A. Uma estética negativa em Freud. In : SOUZA, E.; TESSLER, E.; SLAVUTZKY, A. **A invenção da vida**: arte e psicanálise. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

SCHULZ, Sonia Hilf. **Estéticas urbanas** : da pólis grega á metrópole contemporânea. Rio de Janeiro : LTC, 2008.

VENTURI, Robert ; SCOTT, B. Denise ; IZENOUR, Steven. **Aprendendo com Las Vegas** : o simbolismo (esquecido) da forma arquitetônica. São Paulo :CasacNaify, 2003.